

Dino Buzzati

AS NOITES DIFÍCEIS

Introdução de
DOMENICO PORZIO

Tradução de
FULVIA M. L. MORETTO


EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Título original: LE NOTTI DIFFICILI

© 1971, by Arnoldo Mondadori Editore S.p.A., Milano

Direitos de edição da obra em língua portuguesa, no Brasil, adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Bambina n.º 25 — Botafogo — CEP: 22.251 — Tel.: 286-7822

Endereço telegráfico: NEOFRONT — Telex: 34695 ENFS BR
Rio de Janeiro, RJ

Revisão da tradução

FLAVIA MARIA VASCONCELOS PEREIRA
GRATIA MARIA N. DOMINGUES

Revisão tipográfica

NAIR DAMELTO
UTAHY CAETANO DOS SANTOS FILHO
ÁLVARO TAVARES



CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Buzzati, Dino, 1906-1972.

B996n As noites difíceis / Dino Buzzati; introdução de Domenico Porzio; tradução de Fulvia M. L. Moretto. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
(Contos e crônicas de autores estrangeiros)

Tradução de: Le notti difficili.
Bibliografia.

I. Literatura italiana — Contos. I. Moretto, Fulvia M.L. II. Título. III. Série

86-0983

CDD — 853

SUMARIO

Introdução (de Domenico Porzio)	7
Bibliografia	15
O Bicho-Papão	19
Solidões	24
Equivalência	34
O rpechedo	39
Ninguém acreditará	45
Carta entediante	52
A influência dos astros	56
Aliás na rua Sesostri	63
Contestação global	73
Três histórias do Vêneto	78
A deterioração	85
Acidentes rodoviários	90
Bumerangue	95
Monstros modernos	101
Delicadeza	106
O médico de festas	111
Historietas de automóveis	116
A torre	122
O bom nome	126
O eremita	132
Cinderela	138
O que acontecerá em 12 de outubro?	143
No consultório	148
Os escritvães	153
Desejos errados	157
A almôndega	162
O sonho da escada	167
“Crescendo”	171
A borboletinha	175
Mosaico	180

INTRODUÇÃO

Tique-taque	184
Historinhas da cidade	189
Velho automóvel	194
Transformações	200
Dois para um conto	205
Delícias modernas	210
leuro	215
Invenções	222
Velocidade da luz	228
Bestiário	232
A alienação	237
Progressões	241
Uma noite difícil	247
Falhas no tempo	252
Carta de amor	257
Pequenos mistérios	262
Na crista da onda	270
Os velhos clandestinos	274
A elefantíase	279
Plenilúnio	285
A esposa com asas	289

A coletânea de artigos e contos *As noites difíceis*, publicada em setembro de 1971 e escolhida pelo autor dentre um vasto material parcialmente inédito e em grande parte já divulgado pelo *Corriere della Sera* e várias revistas, foi o último livro publicado pelo próprio Dino Buzzati. A doença que o atacara havia algum tempo, e de cuja irremediabilidade tinha consciência, obrigou-o, naquele mês de dezembro, a hospitalizar-se em Milão. Foi operado: "Uma operação inútil, infelizmen?e", escreveu a Geno Pampaloni, agradeendo-lhe a crítica a seu livro, "por causa de uma doença traiçoeira, misteriosa e rara, cujo último caso confirmado remonta, com toda a certeza, à segunda dinastia dos Gorgônidas." Passou o Natal no hospital e morreu em 28 de janeiro de 1972. Em outubro do mesmo ano foi publicado, póstumo (e aos cuidados do abaixo assinado), o volume *Cronache terrestri*, uma ampla antologia de suas páginas de caráter mais especificamente jornalístico, mas não menos significativas para definir um escritor que declarou muitas vezes que "jornalismo e literatura narrativa são, para mim, coisas idênticas. É na relação fantasia-crônica que se encontra, de fato, o mecanismo básico das coisas honestas que, eventualmente, eu possa ter escrito". (Examinando a exemplar qualidade das duas vocações, Eugenio Montale precisara com grande agudeza que, em Buzzati, a narrativa era "a mesma luva, mas pelo avesso".

As noites difíceis são um livro profundamente representativo das temáticas buzzatianas e, como sempre ("Digo as coisas e os sentimentos que sinto"), de intensa tonalidade autobiográfica: de fato, ele "nunca perdeu o instinto de transformar em ficção até os fatos de que ele mesmo era protagonista" (G. Piovene).

A repetição dos motivos, a constante transposição do mal em alegorias veladas e com modificações mínimas, a repetida e sem-pre desiludida expectativa epifânica de suas páginas, que insistem na oscilação entre o realismo da crônica e o realismo ficcional, em Dino Buzzati, muito diferentes de uma simples conotação repetitiva: formam, isto sim, a substância de seu sistema narrativo, agem como instrumentos insubstituíveis para reelaborar uma abordagem das perguntas que exigem resposta e, ao mesmo tempo, para aprofundar a apreensão da realidade a partir de uma chave fantástica. Uma apreensão que ele voluntariamente acelera, no plano do verossímil, com uma linguagem cada vez mais preocupada em lançar o imaginário no jogo e na precisão: "O fantástico" — declarou a Yves Panafieu (*Dino Buzzati: un autoritrattico*) — "é apresentado da maneira mais simples e to. Mondadori, 1973) — "é apresentado da maneira mais simples e prática: é banalizado, é burocratizado; o meu fantástico é um jogo ou talvez um esporte... ele me é útil como diversão e para aprender, vistas um pouco de fora e de cima, muitas coisas da vida prática... o fantástico deve desabrochar numa forma de realidade."

A realidade de Dino Buzzati é a do homem: a de sua enigmática condenação e de seus labirínticos arredores. Começou a interrogá-la com o coração inquieto e excitado, a partir do juvenil *Barabò delle montagne* (1933), deu-lhe precisão na esplêndida alegoria *O deserto dos tártaros* para depois reforçá-la em todos os romances, contos ou peças teatrais. É o mesmo fio evidente que liga, de maneira ora velada, ora aberta, as páginas de *As noites difíceis* e que reaparece aqui, claramente, no conto "O que acontecerá em 12 de outubro?": "O homem é, na realidade, uma imprevisível anomalia no curso do processo evolutivo da vida, não o resultado ao qual a evolução deva chegar necessariamente. De fato, é concebível que a oficina da natureza tenha posto deliberadamente em circulação um animal ao mesmo tempo fraco, inteligentíssimo e mortal, isto é, inevitavelmente infeliz? Foi uma espécie de erro, um acaso quase inverossímil..." E o repertório narrativo insiste na obcecada, desesperada refutação de uma inverossímil casualidade.

A lista dos acontecimentos designados na manifestação da sua própria tensão imaginativa (as categorias narrativas de Buzzati) repete-se necessariamente em *As noites difíceis*: com um maior rigor, talvez mais desbaraçado, na redução da linguagem ao calculado cotidiano, correndo às vezes o risco de fragmentar o conto em breves apólogos, em truncados trechos descritivos, em diálogos bruscamente interrompidos ("Progressões", "Mosaico"). Voltam, portanto, com maior agitação, os temas de sempre: a inquietude da espera, o rápido rolar dos tempos, a muda beleza das montanhas, os pesadelos noturnos, a aterradora indiferença do destino, a ilusão da arrogante juventude, o susto que emana de uma mínima e admoestadora ruptura da norma, a vaidade das glórias e ambições mundanas, a precariedade do amor, os monstros repentinos, a solidão irremediável, os enganos da medicina, a magia encerrada no óbvio, a dilacerada piedade pelos indefesos, pelos velhos, pelos animais, a condenação da estupidez massificada e o apelo recorrente, desconsolado, à fantasia libertadora: "Galopa, foge, galopa, imortredoura fantasia. Louco por destruir-te, o mundo civil te persegue, nunca te deixará em paz." Mais insistente e com uma fria conotação autobiográfica (Buzzati já conhecia, havia uns dois anos, o veredicto clínico sobre sua saúde) é o calafrio — com os olhos secos — dos "avisos de partida", é a alegoria das "convocações" sem discriminações, o registro "do longo, triste apito do trem... vindo de incalculáveis distâncias; um sinal fatal". Essa sinalética fúnebre, no livro que ele sabia ser sua última mensagem pública, poderia estender-se ainda mais. Na primavera e no verão de 1971, enquanto escolhia o material para *As noites difíceis* e corrigia as provas, Buzzati enchia seu diário cotidiano (ainda praticamente inédito) de variações sobre o tema dos avisos; os acontecimentos pessoais lhe sugeriam, dia após dia, contínuas metáforas sobre a atroz "cognição", confiadas a límpidas parábolas (partidas de regimentos, mensageiros inesperados, irrevogáveis sons de farras, ordens misteriosas) com a intenção de exorcizar a morte, transferindo-a para uma regra de dignidade e de obediência: "A morte", escreveu Guido Piovene, comentando algumas páginas desse diário, "tomava-se assim um ato a ser inserido num código

de disciplina universal, do qual não se pode eximir nada do que estiver vivo. "A ordem, emanada repentinamente da torre invisível sobre a qual borbulha a clepsidra de Deus, não admite desertores. A novidade mais evidente de *As noites difíceis* encontra-se na constatação de que, nesta réplica final, todos os temas do repertório buzzatiano estão representados numa partitura que acentua os tons — que não são insólitos no escritor — de todos os graus da ironia: do humor à auto-ironia, da brincadeira ao sarcasmo requisitório, cruel e apocalíptico. Confessando, nos diálogos com Yves Panafieu, que o "fantástico" lhe era necessário para gracejar, Buzzati acrescentara também que entre seus mestres, ao lado de Edgar Poe, estava Oscar Wilde e que "meu humor é do tipo ingles"; que "a melhor página é aquela que diverte e comove ao mesmo tempo"; e que "nos colégios deveria existir, antes de mais nada, uma cátedra de brincadeira".

A candura do homem Buzzati era uma defesa predestinada e cotidiana. Na verdade, por trás do véu de sua ingenuidade (de comportamento, de escrita, de pintura) encontravam-se, sempre vivos, os agulhões de um humor cortante e pronto à rejeição satírica em relação a tudo aquilo que, com arrogância, entrava no cruel radar de sua racionalidade e ofuscava a ordem de seu código moral: a piedade, mesmo incondicional, reservava-a somente para os velhos e os cães. Se o reconsideramos através de sua ironia, com uma releitura de todas as suas páginas a partir de *O deserto dos tártaros*, descobriremos, atrás da super-realidade da imaginação de Buzzati, além da reviravolta fantástica das crônicas, além da tensão onírica das diabológicas, a vocação sempre inalterável de um "moralista por parábolas" que conserva, contudo, um conceito de moral desancorado das ideologias, provocante e paradoxal; um moralista pronto a sacrificar a vulgaridade de cada lugar-comum que ressurge, as improvisadas verdades triunfantes, os silogismos egoístas, as impiedades comuns, iluminado, em sua pregação *per exempla* narrativos, pela consciência da vaidade de cada gesto humano e pela imodificável infelicidade do "inteligentíssimo e mortal" senhor do planeta. É desse entrelaçamento que derivava aquele estilo transparente (na vida como na literatura) e

aquela simplicidade que nada têm a ver com a candura e que, a distância, solidificam suas páginas em nossa memória. Essa união da ironia, da sátira e da auto-ironia transfere suas fábulas simbólicas para uma dimensão de maior compromisso e risco, e confere uma eficácia mais intensa e felizmente mais ambígua, no plano literário, ao seu profetismo. Irônico em *O deserto dos tártaros*, auto-irônico em *Um amor*, satírico e moralista em *Il colombre*, no aforístico catálogo de *Stamo spiacenti di...*, nas desconsegurantes indicações dos quadros da série *I miracoli di Val Morel*, nas histórias em quadrinhos de *Poema a fumetti*, não é menos explícito nas páginas em que parece exclusivamente impressionado com a contemplação estarecida da beleza de uma paisagem de montanha ou com a piedade diante de um sinal de aflição e de dor absoluta.

As noites difíceis são também um catálogo, muito mais denso, de ironias e de sátiras. O conto "O Bicho-Papão", que abre a coletânea, nasce do desdém contra o racionalismo que, em nome da higiene mental, destrói "aquela impalpável substância a que comumente chamamos fábula ou ilusão". Claramente satíricos são "A confissão" e "A equivalência", seguidos pela atroz "Carta entediante" da indiferente maritida ("Afirma-se que nos romances existe o remorso; se você subesse, ao contrário, que paz, que tranquilidade, que silêncio"). O mesmo tom se mantém na ronda das falsas identidades de "Aliás na rua Sesostri", tom que chega ao ápice na revolução contra a morte de "Contestação global". O humor cede ao sarcasmo, especialmente nos apólogos rápidos e breves como "O chefe"; ... "Imagina-se importante. É importante. É importantíssimo. Diz coisas importantes. Tem amigos importantes. Só dá telefonemas importantes. Mesmo suas brincadeiras com a família são muito importantes. Considera-se indispensável. É indispensável. O enterro será amanhã às 14h30min, saindo o féretro da casa do falecido." O "sofredor social" que, por excesso de filantropia, é "obrigado a odiar intensamente", o condenado ao qual a morte é ministrada com delicadeza ("Delicadeza"), o paciente obrigado a morrer apenas para não comprometer a reputação do célebre médico que errou o diagnóstico ("O bom nome"), o monge Floriano, convencido a pecar obscenamente para

poder ter concretos motivos de aflição espiritual ("O eremita"), poder ter concretos motivos para o venerando e já inútil avô um os netinhos que preparam para o almôndega"), os pequenos capítulos de prato envenenado ("A almôndega") e o próprio conto fi-
"As delicias modernas" e de "Progressões" e o próprio conto fi-
nal, "A esposa com asas", confirmam, com personagem ou sím-
bolos, a constante solicitação irônico-satírica de Buzzati e a im-
possibilidade de separar o moralista do contador de histórias. Tal-
vez devamos nos perguntar de que secreta intuição, de que desco-
berta de verdades escondidas, acima do cume da terrena vaidade
humana, terá o escritor recebido esse estremecimento e essa cris-
talina força requisitória contra a banalidade e a estupidez da ânsia,
do pecado, da omissão, da maldade. Em outras palavras, de que
espelho de fé ele, sem Deus, pôde atingir essa imaginação de firme
dignidade na qual se manteve, despedindo-se dos amigos e dos lei-
tores e assinando a última mensagem de *As noites difíceis*? Talvez
com o perfil incontaminado de suas montanhas: "... as montanhas
de vidro (escreveu no diário, em 1.º de dezembro de 1971), puras,
supremas, onde nunca mais; caras miragens de meu tempo de me-
nino que permaneceram intactas, esperando-me, e agora é tarde,
agora já não tenho mais tempo. "Talvez de seu interrogante por
quê, diante do enigmático destino da jangada errante dos continen-
tes e dos mares. "Por quê?" — escreve no revelador "Plenilúnio"
deste livro — "Por que esta beleza sem remédio, atormentada
transfiguração do mundo, poesia em estado puro? Por quê? De
onde vem? Do silêncio? Da imobilidade sepulcral das coisas?...
Do frêmito imperceptível da luz da lua sobre o prado, sobre as
plantas, sobre os muros, sobre os campos ao redor? Da infinita
paz?... Terei então compreendido?... Mas o que querem dizer?
Explicar-me a estupidez da vida e de nossos medos?" Na última
página de seu diário de Belluno, poucos dias antes de ir para o
hospital, sentado ao sol num canto do cemitério, escreve, diante
do tumulto da mãe: "Recebi ordem de partir." Numa página ante-
rior, lê-se este início (irônico?) de um "Adeus" em versos: "Deus
que não existes, peço-te/ que pelo menos nesta grande nave/ que
me leva embora /as cabines sejam... sejam bem arejadas..." /

"Mas se não existe, por que lhe pedes?" / "Não existe enquanto
não acreditar/ enquanto continuar a viver como vivemos todos /
desejando / desejando / mas se eu o chamar..." / "Tarde de-
mais..." / "Com a força terrível/ de minha alma, talvez vil, insigni-
ficante em si mesma / porém alma no pleno valor do termo / se eu
o chamar, ele virá."

Domenico Porzio

O BICHO-PAPÃO

O engenheiro Roberto Paudi, vice-diretor da COMPRA e assessor do departamento de Urbanística, enfureceu-se certa noite, ao surpreender a babá Ester, que, para acalmar as manhas do pequeno Franco, lhe dizia:

— Olhe, se você não ficar quieto, o Bicho-Papão aparece. Era intolerável para ele que, na educação das crianças, ainda se usassem superstições bobas que podiam criar dolorosos complexos na psique imatura. Passou uma decompostura na moça, que saiu chorando, e pôs ele mesmo o filho na cama, o qual se acalmou imediatamente.

Na mesma noite, o Bicho-Papão, levitando a meia-altura, como era seu hábito, apresentou-se no quarto onde o engenheiro dormia sozinho, causando-lhe alguns minutos de agitação.

Como se sabe, o Bicho-Papão assumia diversas formas, segundo os países e os costumes locais. Naquela cidade, desde tempos imemoriais, tinha a aparência de um animal gigantesco, escuro, cuja figura era uma mistura de hipopótamo e de tapir. Horrível à primeira vista. Mas, observando bem, com olhos imparciais, notava-se, pelo vinco bondoso da boca e o brilho quase afetuoso das pupilas, relativamente minúsculas, uma expressão, ao contrário, absolutamente sem maldade.

É claro que, em circunstâncias de certa gravidade, sabia incutir tremor e até medo. Mas normalmente executava suas tarefas com discrição. Tendo-se aproximado da caminha do menino que devia ser repreendido, nem mesmo o acordava, limitando-se a penetrar em seus sonhos, nos quais deixava, isto sim, traços impercíveis. De fato, sabemos perfeitamente que mesmo os sonhos das

crianças têm uma capacidade ilimitada e acolhem, sem esforço algum, animais mastodônticos como o Bicho-Papão, que podem realizar todas as evoluções necessárias em plena liberdade.

Naturalmente, ao apresentar-se ao Dr. Paudi, a antiga criatura não tinha uma cara muito afável, muito pelo contrário, pois assumia a fisionomia, evidentemente agigantada, do professor Gallurrio, nomeado, havia dois meses, fiscal extraordinário da COM-PRAX, sociedade que estava navegando em águas difíceis. E esse professor Gallurrio, homem muito severo, para não dizer intratável, era profundamente odiado por Paudi, cuja alta posição na firma podia, em tal regime, correr grandes riscos.

Tendo acordado num sudário de gélida transpiração, Paudi só teve tempo de perceber o visitante que fugia através da parede (a janela não teria sido suficiente para tanta corpulência), mostrando-lhe a monumental cúpula de seu traseiro.

Na manhã seguinte, Paudi não se desculpou com a pobre Ester. Pelo contrário, o fato de ter constatado ele próprio que o Bicho-Papão realmente existia aumentava, junto com sua indignação, a firme determinação de tudo fazer para afastar o sujeito.

Nos dias seguintes, naturalmente em tom de brincadeira, começou a sondar o terreno com a mulher, os amigos e os colaboradores. E ficou espantado ao saber que a existência do Bicho-Papão era geralmente considerada coisa natural, como um acontecimento comum da natureza, como a chuva, o terremoto e o arco-íris. Apenas o Dr. Gemonio, do Departamento Jurídico, parecia ter caído das nuvens: claro, quando era criança ouvira falar vagamente na coisa, mas depois convencer-se perfeitamente de que era uma história idiota, sem sentido.

Como se percebesse sua forte aversão, o Bicho-Papão começou então a freqüentar com assiduidade a casa do engenheiro, sempre com as desagradáveis feições do professor Gallurrio, fazendo caretas, puxando-o pelos pés, sacudindo sua cama e, certa noite, chegou a accoçar-se sobre seu peito, a ponto de quase sufocá-lo.

Portanto, não foi de surpreender que, na primeira reunião do Conselho Municipal, tivesse tocado no assunto com alguns colegas: seria possível aceitar, numa metrópole que se orgulhava de pertencer à vanguarda, o perpetuar-se de uma tal indecência, digna da Idade Média? Não seria o caso de tomar uma atitude, de uma vez por todas, para resolver o problema?

A princípio, foram rápidos *pour parler* de corredores, trocas informais de pontos de vista. Em breve, o prestígio do Dr. Paudi abriu-lhe o caminho. Em menos de dois meses, o problema foi levado ao Conselho Municipal. É evidente que, para evitar o ridículo, na agenda do dia nada constava sobre o Bicho-Papão, mas o item 5 falava de "um deplorável fator de perturbação da calma noturna da cidade".

Ao contrário do que Paudi esperava, não só o assunto foi encarado por todos com grande seriedade, mas sua tese, que poderia parecer óbvia, encontrou acirradas oposições. Algumas vezes se levantaram para defender uma pitoresca e inofensiva tradição que se perdia na noite dos tempos, insistindo na completa inocuidade do monstro noturno, aliás, absolutamente silencioso, e ressaltando os benéficos efeitos educativos de sua presença. Alguns falaram claramente num "atentado contra o patrimônio cultural da cidade" caso se recorresse a medidas repressivas. E o orador foi calorosamente aplaudido.

Por outro lado, quanto ao mérito da questão, prevaleceram enfim os irresistíveis argumentos aos quais apela, com demasiada freqüência, o chamado progresso para destruir as últimas cidadelas do mistério. O Bicho-Papão foi acusado de deixar uma marca nociva nas almas infantis, de suscitar, às vezes, pesadelos contrários aos princípios da correta pedagogia. Também foram discutidas questões de higiene: sim, é verdade, o mastodonte noturno não sujava a cidade nem espalhava nenhum tipo de excremento, mas quem poderia garantir que não fosse portador de germes e vírus? Também nada se sabia de positivo sobre seu credo político: como excluir o fato de que suas sugestões, aparentemente tão elementares, se não simplórias, escondessem insídias subversivas?

Os debates, aos quais os jornalistas não haviam sido admitidos, dada a delicadeza do assunto, terminaram às duas da madrugada. A proposta de Paudi foi aprovada com uma pequena maioria de cinco votos. Quanto à sua aplicação prática, nomeou-se para isso uma comissão de peritos, da qual o próprio Paudi foi eleito presidente.

De fato: proclamar o ostracismo do Bicho-Papão era uma coisa, conseguir eliminá-lo era outra bem diferente. É claro que não se podia contar na disciplina cívica, tanto mais que não se sabia se ele tinha capacidade de compreender a língua. Tampouco se podia pensar em capturá-lo e encaminhá-lo ao zôo municipal: que mir através das paredes? Mesmo o veneno devia ser descartado: o Bicho-Papão nunca fora visto comendo ou bebendo. Então o lança-chamas? Uma pequena bomba de napalm? O risco para a população era excessivo.

Em suma, a solução se apresentava, se não impossível, pelo menos bastante problemática. E Paudi já sentia que o almejado sucesso lhe escapava das mãos quando lhe ocorreu uma dúvida: sim, a composição química e a estrutura física do Bicho-Papão eram desconhecidas, mas, como acontece com muitas criaturas registradas no cartório das lendas, não poderia ele, por acaso, ser muito mais fraco e vulnerável do que se supunha? Quem sabe bastava uma simples bala no ponto certo e estava feita justiça?

As forças da segurança pública, após a deliberação do Conselho Municipal referendada pelo prefeito, tiveram de colaborar. Dentro da brigada móvel foi instituída uma patrulha especial, dotada de viaturas velozes e interligadas por rádio. A coisa foi simples. Uma única circunstância estranha: uma certa relutância, entre os suboficiais e os agentes, em participar da batida; seria medo? o temor obscuro de violar uma porta proibida? ou simplesmente um nostálgico apego a certas lembranças perturbadoras da infância?

O confronto aconteceu numa gélida noite de lua cheia. A patrulha, colocada numa esquina escura da praça Cinquecento, avis-

tou o vagabundo que flutuava tranquilo a uns 30 metros de altura, como um jovem dirigível. Os agentes avançaram com metralhadoras apontadas. Ao redor não havia vivalma. O breve estalido das rajadas repercutiu ao longe, levado pelo eco.

Foi uma cena estranha. Lentamente, o Bicho-Papão rodou sobre si mesmo, sem um único estremecimento e, com as patas para cima, foi caindo até pousar na neve. Onde ficou deixado de costas, imóvel para sempre. A luz da lua se refletia sobre o ventre enorme e enrijecido, brilhante como guta-percha.

— Uma coisa que gostaria de não ver nunca mais — disse depois o cabo Onofrio Cottafavi. Uma mancha de sangue alargou-se extraordinariamente sob a vítima, negra sob o luar.

Foram logo chamados os lixeiros para retirar os restos. Não chegaram a tempo. Em poucos minutos a coisa gigantesca, como os balões furados, contraiu-se a olhos vistos, reduziu-se a uma pobre larva, tornou-se um vermezinho preto sobre a neve branca, e finalmente também o vermezinho desapareceu, dissolvendo-se e finalmente apenas a abjeta mancha de sangue que, antes do amanhecer, as mangueiras da limpeza pública apagaram.

Disseram que no céu, enquanto a cratera morria, não apenas uma, mas duas luas brilhavam. Contaram que, por toda a cidade, pássaros noturnos e cães se lamentaram longamente. Correu o boato de que muitas mulheres, velhas e meninas, despertadas por um chamado sombrio, saíram das casas, ajoelhando-se e rezando ao redor do pobre infeliz. Nada disso foi comprovado historicamente. De fato, a lua continuou inabalável sua viagem prescrita pela astronomia, as horas escoaram regularmente uma depois da outra e todas as crianças do mundo continuaram a dormir tranquilas, sem imaginar que seu engraçado amigo-inimigo se fora para sempre.

Era muito mais delicado e suave do que se pensava. Era feito daquela substância impalpável que geralmente se chama fábula ou ilusão: ainda que fosse verdadeiro.

Galopa, foge, galopa, imorredoura fantasia. Louco por destruír-te, o mundo civil te persegue, nunca te deixará em paz.